



VII Simpósio Nacional de História Cultural
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**LIMA BARRETO E OS ROBINSONS SUBURBANOS DA PRIMEIRA
REPÚBLICA**

Thiago Venícius de Sousa Costa*

O clássico inglês Robson Crusóé (1719) talvez seja um dos livros mais conhecidos e proeminentes da literatura universal. Com um enredo marcante, a narrativa do escritor Daniel Defoe conta-nos as aventuras de um jovem de classe média de York, Inglaterra, que cansado da vida módica, resolve aventurar-se pelo mundo.

Alimentado pelo desejo de desbravar o além-mar, o personagem título do romance resolve fugir de casa, iniciando uma jornada de sonhos e medos. Contudo, em uma de suas viagens teremos a eminência de uma tragédia: um naufrágio que mata toda a tripulação do navio, sendo o único sobrevivente a bordo que ficará em uma ilha, até então desabitada, por mais de vinte e sete anos.

O enredo de Defoe é encantador, mas não nos interessa identificar os mistérios que sucedem em sua obra, mas antes, refletir como essa narrativa foi compreendida por Lima Barreto, em uma situação que significa a vida nos subúrbios cariocas, ou mais, as diversas historias das quais poderíamos identificar serem a dos Robinsons suburbanos do Rio de Janeiro da Belle Époque.

Esses termos se referem a uma analogia que o cronista fez aos modos de vida da população que viveu em uma sociedade de valor residual aos mais abastados, com um

* Graduado em Bacharelado em História pela Universidade Federal do Piauí (UFPI).

governo improbo e sem rédeas as tiranias, que pode ser compreendida nos descasos com que a Administração Municipal dirigiu aos suburbanos na saúde, educação e moradia.

Perceber o modo como Lima Barreto identifica esses Robinsons, significa compreender algumas leituras que o cronista fez a cidade do Rio, em aspectos que salientam o cotidiano da urbe e denotam a sensibilidade do cronista nos passos do *flâneur*. Nesse sentido, nossa discussão enseja algumas reflexões a partir de seus artigos, crônicas e demais obras que nos dão margem a um pensamento introdutório sobre essa cidade cognoscível do cronista, nos termos de Raymond Williams¹, mesclada por um romantismo particular sobre as vivências dos habitantes dos subúrbios, seus conflitos e dilemas.

Lima Barreto em alguns de seus pensamentos registrados no Diário Íntimo² confessa-nos que “quando se quer divertir, deve-se andar só. Os imbecis mesmo perturbam [sic]”³. A frase, embora desconfortante e carregada de ressentimentos com a possível presença de pessoas indesejáveis, explica-nos um pouco sobre a sua opção de ser um andarilho solitário.

O isolamento proposital é uma de suas estratégias utilizadas para lidar com os problemas domésticos e, em muitos casos, de situações que alimentam seus complexos e frustrações. E será desse modo que o autor encontrou na rua tanto o lenitivo às dores, quanto o fervilhar humano, pois como registra, é nas ruas que “[...] as cousas se passam mais ao vivo e as pontas de conversa merecem ser registradas, às vezes, por disparatadas, em outras, por profundamente sentencionadas, em outras ainda, por serem excessivamente divertidas”⁴.

Nesse sentido, é na errância pela cidade que o autor observou como a vida se aglutina e concebe seus tipos. Nas estações, nos bondes ou em passeios públicos, a

¹ WILLIAMS, RAYMOND. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

² O Diário íntimo é um livro que reúne uma série de escritos de Lima Barreto feitos entre os anos de 1903 a 1921, que trazem algumas de suas confissões sobre a vida cotidiana, seus anseios, mágoas, impressões de leituras, e pequenos roteiros de algumas de suas obras em romance, dentre eles três capítulos, inconclusos e inéditos, do que seria a primeira versão de *Clara dos Anjos*. Esse material foi organizado pelo seu então biógrafo Francisco de Assis Barbosa.

³ BARRETO, A. H. de Lima. *Diário íntimo*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. 2014b. p.30

⁴ BARRETO, A. H. de Lima. *Os outros*. In: *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p.114

sinuosidade da vida privada é exibida pelas ruas e se diluir entre as práticas comuns do cotidiano.

Em 1911, no romance *O triste fim de Policarpo Quaresma*, Lima Barreto percebeu essa particularidade da cidade, ao afirmar que a cidade “é como um esqueleto; faltam-lhes as carnes”. Essa percepção do urbano é observada pelo cronista quando registra a movimentação domingueira do Largo da Carioca, que adquire um traço particular quando não se encontram as agitações dos automóveis, carroças e dos transeuntes pelas ruas.

O cenário é diverso, onde “na porta de uma loja ou outra, os filhos do negociante brincam em velocípedes, atiram bolas e ainda mais se sente a diferença da cidade no dia anterior”⁵. Nesse quadro, perceber como o cronista interage com os diferentes espaços na cidade, público ou privado, ajuda-nos a refletir como identifica e representa esses indivíduos pela escrita. E aqui particularmente no que se refere sobre a vida nos subúrbios e suburbanos cariocas.

As representações feitas por Lima Barreto a essas paragens abrangem diferentes aspectos, que nos trazem a margem não só o quadro humano da sociedade carioca no início do século XX, mas nos apresenta como o espaço físico foi sendo organizado em meio à falta de planejamento urbano e o desinteresse da “bôrra do Brasil”, a qual identifica serem os poderes públicos.

Em geral, observa que os subúrbios são feios com suas ruas estreitas, esburacadas e lamadiças, mas guardam em si uma graça original da sua gente: a simplicidade. As casas são como “caixotes humanos” espalhados pelos morros em todas as cores, formas e tamanhos. O que lhes conferiu uma identificação a grandes aldeamentos.

A tristeza é uma das características dessas paragens a pena de Lima Barreto, geralmente descritas com melancolia e saudosismo. No entanto, essas características são fluidas, pois paralelo às imagens de desterro teremos um subúrbio de formas pitorescas. Isso ocorre quando chega a tingir o real com cores próprias do imaginário, ou antes, de um misto destas com as produzidas com o toque da natureza à topografia da cidade.

⁵ (BARRETO, A. H. de Lima. *O triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em: www.dominiopublico.gove.br 2014c, p.33).

A manhã bonita. Desço. O ar acaricia. Tudo azul. A paisagem é de algum modo europeia. Praia Formosa. Serra dos Órgãos aparece por entre os morros de São Diogo e os de Barro Vermelho. Azul-ferrete com tons de aço novo. Os cumes beijavam as nuvens; à meia encosta, condensavam cúmulos. O mar aparecia espelhante, semelhava de nível mais alto do que a terra. Campo de Sant'Ana. Ar polvilhado de alegria. Azul diáfano. Tudo azul. As árvores verdeengas do parque destoam. O rolar das carroças é azul; os bondes azuis; as casas azuis. Tudo azul⁶.

Todavia, o que podemos observar em relação a essas características pitorescas registradas pelo literato aos subúrbios, refere-se principalmente sobre os hábitos e as práticas populares. E um desses traços é reforçado pelo misticismo de seus habitantes, sejam pelo catolicismo, curandeiros, macumbeiros e espiritas.

Lima Barreto ao abordar sobre as religiões não busca segmentá-las em categorias. Isso porque não tem intenções de promover às diferenças de uma em face de outra; antes se propõe a mostrar suas qualidades, e o limite da hipocrisia que guardam suas preleções.

Logo, o roteiro de vida desses pobres-diabos chegou a ser organizada pelas promessas de fortuna de feiticeiros, “negromantes”, “hierogantes”, que precisam de “espórtulas e gratificações para seus generosos serviços”, assim como a ilusão mediada pelas cartomantes, através de suas adivinhações e produção de horóscopos. E é nesse sentido que o misticismo foi um dos pontos nodais na cultura popular, capaz de transformar os subúrbios em um local por excelência de espiritualidades.

Essa característica é recontada por diferentes maneiras ou medidas pelas estratégias que a população cria para se ver livre dos problemas domésticos. No conto *Um que vendeu a alma*, nossa cronista nos narra uma pequena anedota de “homem céptico e ultramoderno” que, assim como tantos outros estava desgostoso da vida infeliz: pelos excessos, frustrações e o tédio que arrastava os seus dias.

Seu desejo era desossar essas misérias em outra vida e, de algum modo, conseguir muito dinheiro para desfrutar com viagens e “experimentar se as belezas que o tempo e o sofrimento dos homens acumulam sobre a terra” seriam capazes de reanimar seu espírito. A possibilidade de conseguir esse montante com furtos, assaltos e estelionato não lhe foram descartadas, mas não tivera forças para realizar o projeto.

⁶ BARRETO, 2014b, p.29.

A solução mais provável ou apelativa seria vender sua alma ao diabo. Ainda que desconfiasse desse tipo de leitura aos problemas, acabou pensando no assunto e, de imediato, ouviu uma batida na porta de sua casa: era o diabo. E sem qualquer traço que o identifique em uma literatura fantasmagórica, era “um cavalheiro como qualquer, sem barbichas, sem chavelhos, sem nenhum atributo diabólico”. O diálogo entre os dois ocorre normalmente até a sucessão da proposta do sujeito sobre os valores a cerca de sua alma:

Diabo — Quanto queres por ela?

Eu — Quinhentos contos.

Diabo — Não queres pouco.

Eu — Achas caro?

Diabo — Certamente.

Eu — Aceito mesmo a cousa por trezentos.

Diabo — Ora ! Ora !

Eu — Então, quanto dás?

Diabo — Filho. não te faço preço. Hoje, recebo tanta alma de graça que não me vale a pena comprá-las.

Eu — Então não dás nada?

Diabo — Homem! Para falar-te com franqueza. simpatizo muito contigo, por isso vou dar-te alguma cousa.

Eu — Quanto?

Diabo — Queres vinte mil-réis?⁷

Nessa passagem o valor da existência é questionado de tal modo que o significado da vida marginalize-se, fazendo com que a venda de sua alma ao diabo seja frustrada pela diminuição gradativa de seu valor. Se o negocio chega a ser fechado, recebe não mais que a cota mínima de seu percentual valorativo, da qual não é estipulada pelo diabo, mas se regulariza pelas ofertas contínuas de almas miseráveis.

E isto nos é revelador e transmite aquilo que identifica as vivencias dos Robinsons. Não tão somente pela metáfora de um naufrágio que coloca ao centro os atos da administração municipal contra os mais pobres, mas nomeia um estar social e político que desprezou as políticas de assistência.

⁷ BARRETO, A.H.de Lima. *Um que vendeu a Alma*. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p.493. (A Primavera, jul.1913).

Nesse aspecto, a construção da narrativa barretiana escolhe diversas vezes o humor para ilustrar um modo de vida alternativo que denota como a República brasileira foi sendo organizada no país em meio às controvérsias que castraram a cultura de massa e a participação civil na política representativa do Estado.

Lima Barreto rediz que os subúrbios são o “refúgio dos infelizes”, por ser um espaço que convive diariamente com as dores de seus moradores. E não só destes, mas daqueles “que perderam o emprego, as fortunas; os que faliram nos negócios, enfim, todos os que perderam a sua situação normal vão se aninhar lá; e todos os dias, bem cedo, lá descem à procura de amigos fiéis que os amparem, que lhes deem alguma coisa, para o sustento seu e dos filhos”⁸.

Não obstante, é uma localidade que não recebeu fundos para gestão pública, e que ironicamente para o cronista fez parte da lista de tributações do país, obrigados a pagar altos impostos sem que houvesse nenhum custo benefício as regiões assolada pela rusticidade e miséria de seus habitantes. Além do mais é uma localidade a par do Rio moderno, das grandes avenidas e dos *squares*, e ao certo representaram a cadência de uma cidade partida⁹.

Contudo, essa divisão não se deu apenas de maneira espacial, quando lembramos a diferença que o literato registrou em relação ao morar nos subúrbios e viver na cidade. A ideia de morar carrega traumas, angustias, assim como denota o peso da indiferença social por essas localidades, enquanto viver representaria ao certo uma identificação do indivíduo ao progresso e a nova vida burguesa na cidade.

Contudo vale salienta ao bom leitor que essa apresentação não é fechada, e a identificação desses espaços é percebida de maneira adversa pelo literato, ora quando aponta as condições que lhes tornam excepcionais, ora verberando aspectos comuns entre ambas. O que ilustra a existência do que José Murilo de Carvalho de Carvalho¹⁰ denota de um Rio oficial vinculado a um Rio subterrâneo.

⁸ BARRETO, A. H de Lima. *Clara dos Anjos*. Disponível em: www.dominio.publico.gov.br. 2014a, p.42,

⁹ BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era mito: uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, Sp: [s.n.], 1996.

¹⁰ CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

Por vez, uma dessas proximidades é ilustrativa durante o carnaval, quando o divertimento acaba com a proposição das hierarquias, ainda que temporárias, pois como já pontuou, “há para esse culto do carnaval sacerdotes abnegados”¹¹.

Desse modo o contraste cidade/ subúrbio é delicado, e por vezes visceral quando se respaldado a inoperância dos órgãos públicos e o conflito do poder estatal em solucionar questões simples e de interesse imediato ao cidadão. Ao meditar sobre o encarecimento da vida, Lima Barreto tece as seguintes considerações sobre o aumento dos preços dos alugueis, sugerindo por vez, uma solução inusitado ao problema, ao conferir que:

O que parece atualmente é que o govêrno, seja municipal, seja federal, é impotente para resolver a carestia da vida e o encarecimento exorbitante dos alugueis de casas.

Todos os alvitres têm sido lembrados e todos têm sido rejeitados e criticados à speramente, como não obedecendo às leis de economia política e da ciência das finanças, quer públicas, quer particulares, quer individuais.

O meu ilustre Veiga Miranda e o mirabolante e algorítmico Cincinato Braga já propuseram, para remediar uma tão deplorável situação, encaminhar grande massa de nossa população para o campo. Êles a querem para as fazendas. Eu proponho melhor. Que sejam dados a cada indivíduo isolado um machado, um fação, uma espingarda de caça, chumbo, espolêtas, enxadas, sementes, uma cabra, um papaio e um exemplar de *Robson Crusoe*.

O livro de Defoe será, como a Bíblia desses mórmons de nova espécie; e com fé que êle lhe há de inocular, teremos, em breve, a cidade do Rio de Janeiro descongestionada e o sertão devassado e povoado.

Os nossos *robinsons* irão se estabelecendo pelo caminho, erguendo choças para a sua moradia, onde não haverá barbeiros; plantando cereais, café e cana que não serão perseguidos por insectos daninhos; e encontrarão ainda pelo caminho, jecas que lhes servirão de ‘sextas-feiras’ amigos. A roupa, para os mais industriosos, será obtida com a tecelagem do algodão, pelos meios primitivos; e os mais preguiçosos poderão voltar a vestir-se como os velhos esboços que figuram em Gonçalves Dias e José de Alençar e nas nossas nobiliarquias respeitáveis, inclusive a de Taques.

O problema será assim resolvido, em prol do progresso do país e é de notar que tão fecunda solução foi encontrada num simples romance ao qual as pessoas sisudas não dão importância¹².

¹¹ BARRETO, A. H de Lima. O morcego. In: Vida urbana. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p.65. (*Correio da Noite*, Rio, 02.01.1915).

¹² BARRETO, A. H. de Lima. Variações. In: Marginália. São Paulo: Brasiliense, 1956b. p.187 (*A.B.C.*, 14.01.1922).

Contudo, pensar os Robinsons de Lima Barreto nos propõe ajuizar sobre a própria formação social dos subúrbios, logo, os mesmos não podem ser compreendidos tão somente como o refugio dos infelizes, como chegamos a esboçar em nota as proposições do literato. Isso porque a essência da obra do autor não é a criação de um plano de vitimizações, ou mesmo de ídolos quando tematiza em sua literatura esses personagens da vida comum.

Antes, temos uma inclinação problemática do cronista sobre o cotidiano desses sujeitos, e da política de modo geral, quando sugere que “o governo é o Deus menos milagroso que há e, quando faz milagres, pesa sobremodo nas nossas algibeiras”.

Temos na produção barretiana uma escrita essencialmente suburbana que refleti tanto o lugar social do cronista como questões mais pontuais a região supra, em um universo onde viveram boêmios, jornaleros, burocratas, ambulantes, militares, policiais, vendedores, escrivão e os “títeres de politições e politiquinhos”, que são os funcionários públicos. Seriam esses também os nossos Robinsons? Essa é outra questão que não nos é totalmente descartada e desconexa do imaginário do literato que buscamos compreender nessa pesquisa.

Um caso exemplificativo de um desses personagens comuns do cotidiano são os “vagabundozinhos dos subúrbios”, também conhecidos como “ferrebrás”, que “toma uns ares de valentão e não faz nada”. Lima Barreto rediz que a vida desses indivíduos é fácil e sem nenhum aborrecimento, o que até certo ponto é intrigante por imaginar como conseguem o sustento, já que seu “lordismo” rompe a necessidade de se manterem em ocupações diárias.

E se chegam a ter atividades rentáveis essas acabam sendo realizadas sem compromisso. Encenando aquilo Roberto DaMatta¹³ trata sobre a figura do malandro, indivíduo este que leva uma vida sem preocupações, vive da esperteza, pequenos golpes, e nutrem uma série de outras atitudes que lhes posicionam em uma região limítrofe da ilicitude e da marginalização social.

Contudo, o que temos que nos ater é que esses indivíduos também estão inseridos em um contexto mais geral que influi diretamente na adoção desses comportamentos, que devem ser interpretados a luz de um novo regime político que buscou firmar-se sobre o

¹³ DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

signo do progresso e da ordem pública, atuando de maneira agressiva para afirmar seus preceitos.

Com isso, o dilema dos Robinsons esboça uma multiplicidade de protagonistas que sumariamente encontram em um ambiente de tensão, mas que, todavia, a internalização dessas circunstância não são apresentadas de maneira hostil ou renunciativa ao sujeito.

Imaginar esses Robinsons é também verificar como Lima Barreto percebeu as relações afetivas, e como estas foram ensejadas no casamento em meio a adversidade social, ao passo que a celebração do matrimônio, e aqui nos referimos às vivências suburbanas, versou uma preocupação comum dos pais em manter consórcios do filho com pretendentes ricas. Um interesse que também se deu de maneira invertida ao papel do homem, colocando no centro das decisões a figura da mulher, a conferir:

Até bem pouco tempo, o interesse principal do casamento, a sua virtude primordial era arranjar uma noiva rica que nos pagasse as dívidas.

Todos os rapazes tinha essa ambição; e, desde que conseguissem uma futura cara-metade, nessas condições tinham o crédito decuplicado.

Tenho um conhecido que se casou numa igreja de arrabalde afastada, não fez convites, foi quase à capucha, mas ao entrar na igreja, ficou admirado com a numerosa assistência: eram os credores que enchiam.

Pareciam que era regra geral que os homens procurassem casar para fazer a operação de crédito, muito simples de saldar as suas contas.

Hoje, porém, à vista do caso que o citado vespertino alude, parece que não. As mulheres também procuram maridos, para liquidar a suas dívidas convenientemente.

Estamos no tempo do feminismo rubro até ao tacape e nada há de admirar.

Não nos devemos assombrar com as suas novidades, nem mesmo com esta. Tudo é possível¹⁴.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARRETO, A. H de Lima. *Clara dos Anjos*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acessado em: 8 ago. 2014a.

¹⁴ BARRETO, A. H. de Lima. Novidades. In: Vida urbana. São Paulo: Brasiliense, 1956c. p.208. (*Careta*, 22.11.1919).

_____. *Diário íntimo*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acessado em: 8 ago. 2014b.

_____. *Feiras e mafuás*. São Paulo: Brasiliense, 1956a.

_____. *Marginália*. São Paulo: Brasiliense, 1956b.

_____. *Vida urbana*. São Paulo: Brasiliense, 1956c.

_____. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acessado em: 8 ago. 2014c.

BOTELHO, Denílson. *A pátria que quisera ter era mito: uma introdução ao pensamento político de Lima Barreto*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, Sp: [s.n.], 1996.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3. ed., São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DIAS, Luiz Sergio. *Quem tem medo de capoeira? Rio de Janeiro, 1890-1904*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Divisão de Pesquisa, 2001.

SCHWARCZ, Lília Moritz. *Contos completos de Lima Barreto*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WILLIAMS, RAYMOND. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.



História Cultural